

**De um El Dourado à uma Paris nos Trópicos:
Belém, um caleidoscópio de imagens (1889-1915)**

Fabricio Herbeth Teixeira da Silva*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir as transformações urbanas e arquitetônicas processadas na capital paraense entre os anos de 1889-1915, transcendendo a proposta de um projeto político e civilizador dos barões da borracha. A seleção cronológica para a pesquisa se deu em função da produção intelectual regional eleger esse momento como marco das transformações urbanas – sociais e o embelezamento visual da cidade, financiados pelos lucros gomíferos, deixando de lado as tensões ocorridas no bojo da sociedade e as ações antrópicas no processo de formatação da “Paris nos Trópicos”. Esse artifício para o desenvolvimento da cidade, pensado pelos Presidentes e intelectuais do contexto estudado, foi aceito pela historiografia, apresentando uma perspectiva urbanizadora promovida pelas riquezas do látex articulada as propostas da Intendência de Antônio Lemos, criando uma lógica para a história das reformas urbanas da cidade de Belém a partir de dois aspectos: ciclos econômicos e administrações políticas. Para o desenvolvimento desse trabalho utilizamos Relatórios e Falas dos Presidentes e bibliografia específica sobre o tema.

Palavras-chave: Ciclos econômicos. Reformas urbanas. Belle-époque. Antônio Lemos. Modernização.

Abstract: This paper aims to discuss the architectural and urban transformations in Belém processed between the years 1897-1912, transcending the proposal of a political and civilizing of the rubber barons. Screening schedule for research was due to elect regional intellectual production that moment as a framework of urban transformations – social and visual beautification of the city, funded by profits gomíferos, leaving aside the tensions that occur in the midst of society and human actions in formatting process of “Paris in the Tropics”. This device for the development of the city designed by the Presidents and intellectual context of the study was accepted by the historiography, presenting a perspective urbanization promoted by the riches of the latex articulated proposals Stewardship Antonio Lemos, creating a logic to the history of reforms of the city of Bethlehem from two aspects: business cycles and political administrations. To develop this work, we used reports and Fallas of Presidents, as well as city maps, in conjunction with a bibliography on the topic.

Key-words: Economic cycles. Urban reforms. Belle-époque. Antônio Lemos. Modernization.

Repensando algumas balizas históricas sobre a cidade

[...] uma grande cidade se reconhece á primeira vista pelos seus monumentos, pelas suas construções publicas ou particulares [...].

Jerônimo Coelho (1849)

Os “novos ricos” construíram suas residências inspirados no *Art Nouveau*, com azulejos de Portugal, colunas de mármore de Carrara e móveis de ebanistas franceses.

Nazaré Sarges (2002a)

A cidade, de forma metafórica, pode ser comparada a um palco de representações, onde se desenrolam as mais variadas tramas, entre atores que por ali desfilam com seus sonhos, dramas, tensões, alegrias, as mais diversas sensações e emoções características do cotidiano vivenciado pelo ser humano

Yvone Dias Avelino (2009)

O presente artigo é parte de algumas reflexões contidas em nossa Dissertação em desenvolvimento no Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social da PUS-SP. Nesse quadro em expansão, é importante sublinhar que a realização desse artigo nos ocorreu a partir de uma inquietação sugerida a respeito da urbanização de Belém no final do XIX e princípio do XX. Nessa perspectiva, verificou-se que uma grande parcela dos historiadores¹ paraenses enquadra as transformações urbanas promovidas em Belém a uma perpétua inspiração ao modelo europeu, a exemplo o parisiense de Hausmann, inserindo de forma abrupta e sem limites no cotidiano regional as noções de modernidade, condicionadas aos preceitos de higiene, de moral e de civilização.

De fato, essas questões relacionadas à vida cotidiana e a reordenação do espaço belenense não podem ser dissociadas da influência européia. No entanto, há de se respeitar, os aspectos mais íntimos da cidade, os projetos e as tensões. O que está em jogo não é a relevância da economia do látex e as políticas de Antônio Lemos para a reordenação da malha

¹ Consultar: Barata (1915), Cancela (2002 e 2006), Coelho (1992), Daou (1998 e 2000), Salles (1980 e 2007), Sarges (2002b) e Weinstein (1993).

urbana. Mas torna-se necessário manter uma postura crítica referente às questões anteriormente apresentadas, evitando uma aparente homogeneidade.

Sobre a redefinição do espaço urbano da capital paraense criou-se uma camisa-de-força ao apresentar a reordenação urbana através do binômio – Economia do látex e Administração de Antônio Lemos. Nesse sentido, buscamos novos horizontes historiográficos a partir de uma questão central: como pensar as reformas urbanas de Belém para além desses modelos cristalizados pela historiografia paraense?

Cabe ressaltar que nesse artigo inicialmente faremos um debate sobre as transformações urbanas a partir da leitura de documentos de natureza administrativa e bibliografia histórica sobre o tema. Para nós, uma luz se lança diante da preocupação sugerida anteriormente, o embelezamento da cidade se configura como um mecanismo voltado para soterrar um passado permeado por conflitos como: da Adesão do Pará em 1823 e a eclosão da Cabanagem de 1835 até 1840, na capital da Província, transcendendo desta forma a proposta de um projeto político e civilizador dos barões da borracha. É pertinente destacar que não temos a pretensão o esgotar o tema da urbanização e da modernização de Belém nesse artigo, apenas lançar novas problemáticas.

Mar Dulce, El Dourado e Francesinha do Norte: múltiplas faces da Belém da *Belle-époque*

Ao longo da conquista e ocupação do vale Amazônico projetaram-se inúmeras imagens referentes a nova terra, oscilando entre um paraíso terrestre a um inferno. Conforme Raymundo Heraldo Maués (1999), as Amazônias “vem sendo objeto de uma alternância de visões paradisíacas e infernais”, como: Mar Dulce, Eldorado, País das Amazonas, Império das Drogas do Sertão, Celeiro do Mundo, Ouro Negro, Ciclo da Borracha, Inferno Verde e, mais recentemente, Pulmão do Mundo. Esses discursos têm como objetivo integrar a região ao mundo, embora deixem de lado as especificidades locais, produzindo estereótipos sobre a população, clima e costumes.

Os documentos e as bibliografias consultadas para a feitura desse artigo revelam que havia um anseio de civilizar, disciplinar, higienizar e integrar a cidade de Belém nos moldes europeus, ou seja, criar uma Paris na selva Amazônica a partir dos lucros do látex.

Entre os anos de 1889 a 1915 Belém experimenta o processo da modernidade, emancipação dos escravos e o advento da República. Neste ambiente foram executadas

reformas urbanas e arquitetônicas², representando uma modernização caótica na nossa concepção, florescendo outras cidades circunscritas no mesmo espaço. A redefinição da malha urbana projetada para a capital paraense não respeitou as especificidades locais, gerando profundas e inconstantes contradições ao priorizar os aspectos: embelezamento visual e saneamento. Acreditamos que esses eventos podem ser interpretados como medidas que sugerem a segregação de uma parcela da população que não desfrutou dos lucros da borracha. Essas problematizações podem ser observadas na obra de Geraldo Coelho: *No coração do povo: o Monumento à Republica em Belém (1891-1897)*. No entanto, ressaltamos que o objetivo do autor não é analisar essas tensões. A

[...] *belle époque* da Belém de Antônio Lemos, como a do Rio de Janeiro de Pereira Passos, *seria elitista e elitizante, discricionária e excludente*, tratando-se de invenção e da viabilização de um espaço urbano reflexivo das práticas culturais e dos costumes de uma ideologia burguesa transnacionalizada, tornada hegemônica pelos processos do capitalismo industrial. (COELHO, 2002, p. 28, grifo nosso).

Com efeito, essa abordagem sobre a segregação social na virada do século e a transição política estão presentes em trabalhos de grande envergadura, como na obra de Nicolau Sevcenko (2003), *Literatura como missão*, e na de Margareth Rago (1985), *Do cabaré ao lar*, para citar apenas alguns. Cabe a nós o desafio de estabelecer um diálogo sólido e coerente com essa produção historiográfica e pensar suas contribuições para nossa pesquisa, respeitando os limites cronológicos, sociais e culturais desses trabalhos.

Nicolau Sevcenko (2003) apresenta que a destruição da cidade velha, de feições colônias e amoral, se fazia necessária para dar uma nova expressão à cidade que estava urbanisticamente emergindo, soterrando com ela a herança Imperial e desvelando uma sociedade triunfante. A demolição do cenário antigo, ou seja, dos casarões e palacetes, é classificada pelo autor de regeneração. Segundo ele, esses espaços estavam localizados no centro e eram ocupados pela população pobre.

A reformulação arquitetônica e dos padrões de vida da população estavam conectados a quatro tópicos importantes, abaixo descritos. De acordo com Nicolau Sevcenko, nesse ponto estabelecemos um link com nossa proposta de segregação espacial da população. Conforme o autor, na primeira sessão houve uma condenação dos hábitos e costumes que

² Segundo Nazaré Sarges (2002a, p. 83-138), os lucros da borracha transformaram o espaço urbano de Belém como podemos observar: “Esse reflexo se expressa na construção de prédios como Teatro da Paz, o Mercado do Ver-o-peso, Palacete Bolonha, Palacete Plínio, criação de uma linha de bondes, instalação de bancos (em 1886 já funcionavam quatro estabelecimentos bancários) e companhias seguradoras, estas últimas ligadas ao sistema financeiro estabelecido na região” “[...] implantação da iluminação a gás, sob a responsabilidade da Pará Electric Railway and Lighting Co. Ltd, autorizada a funcionar pelo Decreto Federal n. 5.780, de 26.01.1905.”

rememorassem a sociedade tradicional; na segunda negou-se todo e qualquer elemento que remetesse à cultura popular que viabilizasse a distorção da imagem civilizada da sociedade dominante. No terceiro e quarto pontos que o autor apresenta, localizamos nossa questão problematizada anteriormente:

[...] uma política rigorosamente de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 2003, p. 43).

Ficando, portanto, evidente que, essa política de exclusão de grupos a partir do poder aquisitivo, foi pensada no sentido de selecionar os centros urbanos para o deleite de uma determinada camada social aburguesada.

Barbara Weinstein (1993, p. 105) numa análise mais regional sobre a expansão e decadência da borracha na Amazônia, propõe que, na década de 1890, Belém revela-se como núcleo residente da elite da região, ou seja, composta por fazendeiros, grandes seringalistas, comerciantes e profissionais liberais. Desta forma, a fisionomia da cidade necessitava ser redimensionada para atender a demanda desse grupo que surge sob os auspícios do látex, portanto, marcando um distanciamento da população. Nazaré Sarges (2002a, p. 83-84) entende que a Cidade Velha, antes da expansão da borracha era espaço reservado a moradia e demais atividades da população, no entanto, ao adquirir a função de centro comercial, sua população migra para regiões distantes formando os atuais bairros de: Nazaré, Umarizal e Batista Campos, de forma que, essa área era denominada de rocinha e habitada por uma população humilde, que nesse momento vende os lotes a um valor irrisório, assim passando a ocupar lugares distantes do centro, que segundo a autora nos dias atuais são considerados bairros periféricos.

Áreas próximas da Cidade Velha, paulatinamente, vão transforma-se no centro de atividades comerciais, fazendo com que as famílias que lá residiam se transferissem para outros pontos, geralmente afastados, em busca de maior espaço para a construção de suas “rocinhas”, dando origem aos atuais bairros de Nazaré, Umarizal e Batista Campos, onde os lotes de terra ainda eram mais baratos, já que eram áreas habitadas por pessoas que, em decorrência a esse processo, foram sendo empurradas para áreas bem mais afastadas da cidade, transformando-se em bairros hoje, considerados de periferia, como Pedreira. (SARGES, 2002a, p. 83-84).

Em um contexto global relacionamos as transformações urbanas processadas na capital paraense com as cidades européias. Obviamente não temos a pretensão de realizar um transplante das questões particulares da realidade européia para a sociedade belenense. Nesse sentido, é importante mencionar o texto de Ronaldo Raminelli (1997) sobre a História

Urbana. O autor, em uma das abordagens apresenta que o crescimento e a expansão das cidades européias marcaram a história do século XIX, revelando, portanto, alterações na vida urbana em cidades como Londres e Paris. Nesse ponto estabelecemos um tema de convergência com nossa proposta, pois, como havíamos anteriormente ressaltado, Belém como urbe espelhou-se no modelo parisiense. No caso europeu, as transformações e contradições urbanas foram favorecidas pela Revolução Industrial, promovendo as primeiras tentativas de uma reordenação do espaço e a configuração de uma cidade ideal, cabendo aos governos, viabilizar propostas higienizadoras e soluções para a vida urbana (RAMINELLI, 1997).

Ao refletirmos sobre as reformas urbanas estabelecidas em Belém, *locus* da pesquisa, é impossível não abordar uma referência comum aos estudos desse período, ou seja, a figura do Intendente Antonio Lemos como mediador da urbanização de Belém. Não é o caso, aqui, tecer uma análise sobre a personalidade pública ou as memórias do Intendente³, mas sim constituir uma análise crítica sobre a idéia de uma Paris nos trópicos, reflexo das aspirações Lemistas. As transformações urbanísticas e culturais processadas na capital durante sua administração são, para muitos historiadores, a força motriz adicionando à cidade um ar civilizado e moderno, embora rarefeito na nossa ótica. Sendo assim, observaremos somente o papel da administração pública como protagonista da modernização disciplinadora⁴, aos moldes da literatura histórica da região. Como podemos observar:

[...] *Lemos foi o responsável pelas grandes obras públicas que urbanizarão e higienizaram a cidade*, emprestando-lhe, por força das intervenções realizadas, a fisionomia da cidade civilizada que a cultura urbana da *belle époque* da Paris haussmanniana disseminara. Belém, como Manaus – e também o Rio de Janeiro – na virada do século XIX para o XX, projetaram-se como centros urbanos que reescreveram e redesenharam, no Brasil tropical, as legendas civilizadas e civilizacionais que a sociedade hegemônica do capitalismo industrial proclamara na condição de conquistas e de realizações universais do progresso e da cultura [...]. (COELHO, 2002, p. 27, grifo nosso).

Para o autor, a intendência de Antonio Lemos proporcionou à capital paraense o contato com a modernidade a partir das obras públicas de urbanização e higienização, planejadas e executadas pelo intendente, visando projetar uma imagem do progresso e da civilização, nunca se afastando dos ideais da sociedade capitalista. Essas reformas na

³ Para uma leitura sobre a construção da memória política por trás do mito de Antonio Lemos, consultar: Sarges (2002b).

⁴ A título de informação, a Professora Nazaré Sarges (2002a) aborda no quarto capítulo de sua obra anteriormente citada, dois tópicos intitulados O Estado como agente patrocinador da modernização e O poder público na organização do urbano belenense.

condição de emblemas da civilização, eram igualmente elitistas, excludentes e voltadas para a valorização do capital, deixando à margem uma grande parcela da população.

Nessa perspectiva, a modernização da capital é interpretada pela historiografia por meio de dois fatores: o extrativismo da goma elástica e a administração política de Antônio Lemos. Esses marcos eleitos acabam deixando a margem as tensões sociais, memórias e as relações entre a sociedade e a natureza, em prol de um projeto político voltado para a civilização. Acreditamos que esses aspectos reordenaram a fisionomia da cidade, mas conjugados a outros fatores, pois, a configuração de uma cidade obedece a uma somatória de fatores, nem sempre articulados. Nesse sentido, Leila Mourão (2007, p. 29) afirma:

As cidades resultam dos processos de interação entre Sociedade e Natureza e são resultantes das múltiplas ações antrópicas. São lugares de aglomerações humanas; de produção e reprodução social e cultural; de centralização de trocas, de abastecimento, distribuição e consumo.

Na tentativa de revelar a segregação espacial de uma parcela da população da capital paraense por meio das reformas urbanas executadas no período de 1897-1911, Jussara Derenji (1994) apresenta que essas mudanças modernizadoras efetuadas na capital tiveram como marco inicial a primeira metade do século XIX (1858), no caso, a gestão de Jerônimo Francisco Coelho. Contudo, ressaltamos que inquestionavelmente, foi no governo de Antonio Lemos que as medidas urbanísticas foram desenvolvidas e aperfeiçoadas. Esse discurso é recorrente nos Relatórios de Governo Municipal, sendo evidente a participação do poder público no artifício de embelezamento, saneamento e desenvolvimento da capital, situada em um momento de opulência econômica proporcionado pela economia do látex.

O Presidente, os viajantes e nós: olhares e desejos da cidade de Belém do vir-a-ser!

O Presidente Jerônimo Francisco Coelho em Falla dirigida à Assembléia Legislativa Provincial em 1º de Outubro de 1848, trata da necessidade de obras públicas para a capital da Província, conforme o conteúdo do documento.

Neste abençoado paiz a natureza faz tudo, e o homem só tem o trabalho da escolha. E pois, Senhores, a Capital desta grande Província deve preparar-se para vir a ser um dia em opulência e grandesa a primeira grande Cidade do Norte, como já o é geographically; mas para vir a ser opulenta e grande, não basta só a riqueza natural; a natureza produz, mas não edifica; esta tarefa compete ás artes; e ao engenho humano e uma grande cidade se reconhece á primeira vista pelos seus monumentos, pelas suas construções publicas ou particulares. A' este respeito muito pouco ou quase nada possuimos. (COELHO, 1849, p. 70).

Para o Presidente, a sofisticação e o requinte almejados, justificam-se por meio das artes e pela atividade humana. Para ele, uma grande cidade é personificada por seus monumentos, arquitetura, obras e construções públicas ou privadas. Assim, evidenciamos por meio do discurso da autoridade, que a capital da Província deve ser projetada através dos preceitos de racionalidade, eficiência e progresso. Argumenta-se que aquelas propostas eram quase que ausentes ou nada se pode verificar na capital. Nas aspirações do Presidente, a cidade que deve vir-a-ser, precisa necessariamente romper com o elo entre sociedade e natureza.

Tal constatação do Presidente encontra eco funesto na observação do naturalista inglês Alfred Russel Wallace (1979). Durante sua viagem na Amazônia, em 1848, coincidindo com o ano do documento analisado, Wallace, com seu olhar europeu e impertinente, descreve o estado dos prédios públicos de Belém, oscilando entre binômio beleza/feiúra. Causando uma péssima impressão aos visitantes, o estado no qual a cidade se encontrava, esses sintomas projetam uma imagem de insalubridade de Belém, estando intimamente ligada ao abandono para o observador estrangeiro, todavia, essas impressões devem ser filtradas.⁵ Projeção essa, de relaxamento, justifica-se, de acordo com o viajante, pelo clima.

A impressão geral que a cidade desperta em alguém recém-chegado da Europa não é lá das mais favoráveis. Denota-se uma tal ausência de asseio e ordem, uma tal aparência de relaxamento e decadência, tais evidências de apatia e indolência, que chegam a produzir um impacto verdadeiramente chocante. Mas a primeira impressão desaparece quando se constata que diversas dessas características são decorrentes do clima. (WALLACE, 1979, p. 20).

Na imagem estereotipada produzida por Wallace visualizamos uma cidade diluída pela ausência de ordem e civilidade. Lembremos aqui o que Marc Bloch já advertia em seu *Apologia da História*: “nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento.” (BLOCH, 2001, p. 60). Parece pertinente apresentar esses relatos, crônicas e depoimentos como produtos de um contexto e de um grupo, estes atendem a uma série de interesses e articulações, sendo forjados por uma relação de poder. Não é o caso aqui fazer uma discussão metodológica dos usos das fontes, mas questionar e apresentar os limites e as potencialidades dos documentos utilizados, pois o

[...] documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais

⁵ Para uma análise crítica sobre a visão de Alfred Wallace consultar o texto de nossa autoria intitulado: Cotidiano e alimentação sob olhares impertinentes: Alfred Russel Wallace e suas impressões sobre Belém em 1848. (SILVA, 2008).

continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

Em outras palavras, por meio dos documentos selecionados podemos identificar fragmentos da sociedade que estamos pesquisando, mas, a partir da ótica de quem os produziu, os documentos são uma espécie de interlocutor do grupo que os fabricou, sendo um reflexo de suas aspirações. É, portanto, imprescindível para a pesquisa histórica questionar a ingenuidade dos documentos e perceber suas intencionalidades, já que “[...] os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interroga-los.” (BLOCH, 2001, p. 79).

Feita essas considerações sobre a metodologia da pesquisa histórica, conduziremos nossa discussão a respeito da divergência de visões dos viajantes sobre a cidade. Contemporâneo a Wallace, Henry Walter Bates (1979) apresenta uma leitura sobre as causas do estado da cidade de Belém, oposta a de Wallace. Para Bates, a cabanagem havia provocado esse estado de desordem. Segundo o autor, haviam decorrido apenas doze anos após sua chegada, mas as marcas ainda estavam presentes não apenas na memória da população que havia decrescido de 24.500 mil pessoas em 1819 para 15.000 mil em 1848, mas também, nos prédios e sobrados da cidade. “À época de nossa chegada, a cidade do Pará ainda não tinha se recuperado dos efeitos de uma série de rebeliões, provocadas pelo ódio existente entre brasileiros e portugueses [...]” (BATES, 1979, p. 21). Aqui o autor rompe com a proposta de determinismo climático para justificar o estado de ausência de civilidade da população, dando subsídios para nossas reflexões.

A respeito da polifonia dos discursos dos viajantes e Relatórios, Bates, após sete anos e meio afastado de Belém em função de suas pesquisas, retorna em 1859 e descreve a nova fisionomia urbana da cidade e o crescimento demográfico. A cidade não apresentava mais os aspectos de ausência de civilidade, segundo as descrições do autor.

Encontrei a cidade do Pará grandemente mudada, para melhor. Já não tinha mais aquele aspecto de arraial, com ruas cheias de mato e casas desmanteladas, que eu ficara conhecendo em 1848. *A população tinha aumentado para 20.000*, devido ao influxo de imigrantes portugueses, madeirenses e alemãs, e *fazia alguns anos que o governo provincial vinha dependendo os excedentes de suas rendas, que eram consideráveis, no embelezamento da cidade*. As ruas, outrora sem calçamento e cheias de pedras soltas e areia, estavam agora caprichosamente pavimentadas; as casas feitas fora do alinhamento haviam sido demolidas e substituídas por construções mais uniformes. A maioria das casas velhas e desmanteladas cederam lugar a belos edifícios construídos acima do nível da rua, com extensas, e elegantes sacadas no primeiro andar. (BATES, 1979, p. 296, grifos nossos).

Pela descrição do viajante, um novo cenário foi montado, saindo de um El Dourado dando lugar a uma Paris nos trópicos, face a sua arquitetura, elegância e refinamento, isso financiado pela borracha e implantado na mentalidade da população. A modernização de Santa Maria de Belém do Gram Pará aponta para a necessidade da Belém de outrora sombria e carregada de preconceitos, constituindo-se como Francesinha do Norte.

O modo de ver e a experiência de Bates nos oferece uma dimensão crítica, novos problemas emergem a partir de indagações. Por sua vez, o discurso do Presidente no patamar de versão oficial apresenta a importância da reordenação do espaço urbano da capital, visando incorporá-lo ao moldes de cidade civilizada, como a primeira do Norte, a partir das obras públicas. No entanto, tal retórica oculta um aspecto por demais relevante, ou seja, tinham decorridos somente oito anos do término da Cabanagem⁶, induzindo-nos por uma leitura rasteira, legitimando a necessidade de transformações do espaço urbano, reforçado, portanto, pelas idéias de Jerônimo Coelho e Wallace enquanto valores vigentes ao desenvolvimento da Província. Na análise dessa questão, é pertinente refletir que a magnificência das obras evocavam, na realidade, não apenas o sepultamento da memória do evento ocorrido na capital, mas das marcas da destruição visíveis nos prédios da cidade.

Anterior a Bates, mas convergindo na mesma abordagem sobre a situação e causa da cidade de Belém, Daniel Paris Kidder (1972), na década de 1840, observou esses fatos. Suas impressões sobre a Província do Grão-Pará nos proporcionam uma reflexão além das generalizações visualizadas pelos autores anteriormente citados. Para Kidder, os resíduos e ruídos da Cabanagem ainda se faziam presentes nos prédios e na memória da população. Assim, a proposta de modernização da capital, nada mais era do que a superação das chagas da Cabanagem, ou seja, abandonar a imagem de uma cidade devastada pela *arraia-miúda*, conforme os discursos de Antônio Domingos Raiol (BEZERRA NETO, 2005, p. 76). Kidder apresenta:

Percebem-se ainda no Pará os efeitos da Revolução de 1835. Quase todas as ruas têm casas pontilhadas de balas ou varadas por projéteis de canhão. Algumas foram apenas ligeiramente avariadas, outras quase que completamente destruídas. Dentre estas últimas algumas foram restauradas, outras abandonadas. O Convento de Santo Antônio ficou de tal forma exposto ao canhoneiro que ainda hoje exhibe muitos sinais da bala pelas paredes. Um dos projéteis destruiu a imagem colocada num alto nicho à frente do convento. (KIDDER, 1972, p. 168).

⁶ A Cabanagem foi um movimento social/político realizado na Província do Grão-Pará entre os anos de 1835-1840, tendo como participantes diversos sujeitos e múltiplos significados para seus integrantes. Sobre a cabanagem ver: Di Paolo (1985), Ferreira (1970) e Salles (1992).

Partindo por uma interpretação parcial, que não assume integralmente a visão de Kidder sobre o evento ocorrido na Província, é importante destacar que as conseqüências imediatas e materiais justificam a necessidade de uma reforma urgente da capital. Sendo assim, nas medidas propostas pelo Presidente, evidenciamos que o medo de uma nova Cabanagem era iminente, sendo necessária a construção de espaços que oferecessem segurança, além do mais, fazia-se necessária também a construção de repartições públicas. Não obstante, construir novas estradas que viabilizasse a circulação de pessoas e produtos, bem como lazer para a população.

Na Capital falta-nos:

Um chafariz ou fonte publica que tal nome mereça

Um mercado publico

Um quartel da tropa [Provincial]

Um Paço da Assembléia

Uma caza para aulas publicas

Um cemiterio

Uma casa de prisão com trabalho

Um theatro publico

Um edificio para as repartições fiscaes

Não temos estradas; pois como taes não devem reputar-se as ruas de alameda, na verdade bellas, que se prolongão pelos arrabaldes da Cidade. Felizmente são as nossas principaes estradas. (COELHO, 1849, p. 71, grifos nossos).

Não há como questionar diante dessas abordagens que os discursos alusivos a uma preocupação perante as condições de higiene, urbanização e saúde pública não fogem a um lugar comum, ou seja, a institucionalização de um controle social por parte das autoridades administrativas, burguesas e intelectuais, gerando uma segregação espacial na capital da Província, como apresentou de forma lúcida Jussara Derenji (1994). Assim, as reformas atendiam a noção de civilização, conferidos pela sociedade detentora dos capitais, como sugere Geraldo Coelho (2002). Esses projetos foram pensados pela e para a elite, maquiando as imagens do cotidiano belenense, ocultando uma face da *Belle-époque* paraense.

Margareth Rago (1985), pautada em fontes oficiais, trata do processo de desodorização do espaço urbano de São Paulo entre os anos de 1890 a 1930, anos estes da formação do mercado livre de trabalho. Rago apresenta a política higienista dos médicos sanitaristas. Conforme a autora, houve uma preocupação com a moradia dos trabalhadores pobres imigrantes, associando-a com a falta de higiene e com a proliferação de doenças, sendo um temor para a elite paulistana, sugerindo a invasão das casas, segregação e destruição das habitações (cortiços).

A estratégia norteadora da intervenção dos higienistas sociais na remodelação da cidade consiste, então, em separar os corpos, designando a

www.pucsp.br/revistacordis

cada um deles um lugar específico. O esquadramento “científico” rigoroso da população trabalhadora facilita a empresa de desodorização das casas e das ruas, interdita os contatos muito estreitos, permite exercer um controle “científico-político” do meio. Destruir os miasmas é também destruir os odores da corrupção moral. O burguês desodorizado vê nestes lugares de amontoamento dos pobres o perigo das emanções pútridas, da massa dos “vapores” acumulados pela reunião de massas confusas e misturadas. Esta política sanitária de descongestionamento dos corpos define a produção do espaço urbano e, ao mesmo tempo, determina a invasão da casa do pobre, impondo-lhe novos regimes sensitivos e uma outra disciplina corporal. (RAGO, 1985, p. 165-166).

A partir da reflexão de Margareth Rago sobre a disciplina imposta ao operário fabril aos moldes da burguesia inseridos na cidade, que é possível visualizamos novos campos de investigação sobre a temática da cidade que transbordem uma perspectiva de ciclos econômicos e políticas administrativas. Nesse sentido, Maria Izilda Santos de Matos (2002, p. 34-35) apresenta algumas tendências metodológicas sobre o estudo da cidade; para nós torna-se relevante a tendência Cidade-Questão.

Para Matos (2002), entre o final do XIX e o início do XX a problemática da cidade refere-se a higiênico-sanitarista, disciplinadora de uma camada desfavorecida: pobre, negro, imigrante e mulher. Segundo esta autora, os estudos que focalizam o cotidiano urbano assumem os discursos oficiais sem crítica.

Acreditamos que a cidade pode ser simultaneamente apresentada por meio de um caleidoscópio de imagens, ou seja, uma cidade multifacetada e possuidora de uma vida biológica intrínseca a ela. Cabe a nós pensar a cidade como um laboratório, não exclusivamente para os historiadores inferirem questões sobre suas transformações, condições, sociabilidades e permanências. A partir desse discurso, estabelecemos um ponto de convergência com a temática de Yvone Dias Avelino. Segundo a autora, a cidade possibilita ao historiador uma teia de significados em diversos momentos históricos, podendo-se perceber transformações na fisionomia urbana e nas mentalidades.

Pesquisar a cidade é encontrar-se numa encruzilhada, com múltiplas possibilidades, onde o palco de representações se amplia na experiência humana. A cidade se apresenta ao historiador como uma rede de encontros, relações sociais e possibilidades de pesquisas, nas diversas temporalidades que a transformação do espaço físicos e das mentalidades humanas propiciam. (AVELINO, 2009, p. 292).

“O escrito é como uma cidade, para o qual as palavras são mil portas”. De acordo com Walter Benjamin (apud BOLLE, 2000), e como, anteriormente, abordamos as cidades podem ser interpretadas por inúmeros viéses, estabelecendo nervuras com outras abordagens e metodologias. Uma cidade não pode ser conjugada somente no passado, ela é plural, pois nela

há inúmeras partículas que oferecem aos pesquisadores um manancial de possibilidades de pesquisa, quer dizer, inúmeras portas.

Assim, Cristina Cancela (2008, p. 79-91) aborda que a Belém nutrida no seio da economia da borracha foi multifacetada, ou seja, uma cidade composta de outras cidades, fazendo referência às contradições provocadas pela atividade do látex, resignificando o sentido da casa, que no passado era um espaço de sociabilidade e lazer além de moradia e passa a ser o local exclusivo de moradia. Considerando que nem tudo era belo na capital da *Belle-époque*, onde conviviam juntos problemas como: péssimas condições na infra-estrutura da cidade, elevado valor da energia elétrica, precárias condições dos transportes, especulação imobiliária e abastecimento de água, esses problemas apresentados pela autora vão na contramão do projeto de uma Paris nos trópicos pensada por Lemos, como podemos observar:

De fato, tendo Paris como modelo, Antônio Lemos procurou transformar as feições da *urbe*, reformando basicamente o centro da cidade, considerando o *locus* econômico e cultural por onde circulava o capital, as rendas e naturalmente os seus possuidores. (SARGES, 2002a, p. 162).

De acordo com a citação acima, fica evidente que a reordenação do espaço urbano de Belém priorizou o abandono do núcleo embrionário da cidade⁷, optando pela valorização do centro para atender a demanda do capital internacional. As leituras sobre essas questões nos dão subsídios para refletir o objetivo desse trabalho, que ora se apresenta, muito em função desse processo de urbanização que a cidade vivência e a introdução de novos hábitos e costumes.

Considerações finais

Por fim, Belém, do *fin de siècle*, estava alinhada genericamente aos novos padrões estéticos e culturais em voga nas capitais brasileiras. O ideal político e administrativo visava tornar Belém a Estrela do Norte, subjacente aos moldes das sociedades européias, de certa forma compulsória. Leitores atentos podem observar que essas transformações urbanas foram uma marca da modernização, embora, revelando-se como um paliativo do tempo insurreto da Cabanagem, das dolorosas e trágicas lembranças das epidemias de cólera, febre amarela, entre outras experimentadas no novecentos em Belém.

⁷ Como núcleo embrionário da cidade de Belém, pensamos a cidade velha a partir do Forte do Presépio, fundado em 1616, símbolo da conquista portuguesa na Amazônia. Para maiores informações, consultar a dissertação de Dayseane Ferraz (2007).

Referências

- AVELINO, Yvone Dias. Uma Universidade Católica em São Paulo (1946-1984). In: AVELINO, Yvone Dias; FLÓRIO, Marcelo (Orgs.). *Polifonias da cidade*. São Paulo: D'Escrever, 2009.
- BARATA, Manoel de Melo Cardoso. *A antiga produção e exportação do Pará: estudo histórico - econômico*. Belém: Typ. Da Livraria Gillet, 1915.
- BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1979.
- BEZERRA NETO, José Maia. A Cabanagem: a Revolução no Pará. In: ALVES FILHO, Armando; ALVES JUNIOR, José; MAIA NETO, José (Orgs.). *Pontos da história da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2005, v. 1.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOLLE, Wille. *Fisiognomia da metrópole moderna: representações da história em Walter Benjamin*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e relações familiares na economia da Borracha (Belém, 1870-1920)*. 2006. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação da FFLCH-USP, São Paulo, 2006.
- _____. Relações familiares em Belém (1890-1940). In: BEZERRA NETO, José Maia; GUZMAN, Décio Alencar (Org.). *Terra matura: historiografia e história social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 407-420.
- _____. Uma cidade... muitas cidades: Belém na economia da borracha. In: BELTRÃO, Jane Felipe; JUNIOR, Antonio Otaviano Vieira (Orgs.). *Conheça Belém, comemore o Pará*. Belém: EDUFPA, 2008.
- COELHO, Geraldo Mártires. *No coração do povo: o Monumento à República em Belém (1891-1897)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- _____. Um pouco aquém da Belle-époque ou quando o francesismo se insinua no Pará. In: CUNHA, José Carlos (Org.). *Ecologia, desenvolvimento e cooperação na Amazônia*. Belém: Falangola/UFPA, 1992, p. 60-69.
- COELHO, Jerônimo Francisco. *Falla dirigida a Assembléia Legislativa Provincial em 1º de Outubro de 1848*. Pará, Typ. de Francisco da Costa Junior, 1849.

DAOU, Ana Maria Lima. *A cidade, o teatro e o 'Paiz das seringueiras': práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX-XX*. Tese (Doutorado) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1998.

_____. Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz; Casa de Oswaldo Cruz, v. 6, p. 867-888, set. 2000.

DERENJI, Jussara da Silveira. A seleção e a exclusão no meio urbano: reformas do fim do século XIX em Belém do Pará. In: D'INCAO, Maria Angélica; SILVEIRA, Isolda Maciel da. *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.

DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1985.

FERRAZ, Dayseane. *Além da pedra e cal: a (re)construção do Forte do Presépio (Belém do Pará, 2000-2004)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Pará, 2007.

FERREIRA, Eliana Ramos. As cores da Cabanagem: um perfil social dos Cabanos. In: RAIOL, Domingos Antonio. *Motins políticos ou a história dos principais acontecimentos políticos da província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Belém: UFPA, 1970.

KIDDER, Daniel Paris. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil, compreendendo notícias e geografias do Império e das diversas Províncias*. São Paulo: Martins/EDUSP, 1972.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Amazônias”: identidade regional e integração nacional. In: *Uma outra “invenção” da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1999.

MOURÃO, Leila. História das Cidades da Amazônia Brasileira. *Revista de Estudos Amazônicos*, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, Alves, 2007.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

SALLES, Vicente. *A música no tempo do Grão-Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

_____. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992.

_____. *Música e músicos do Pará*. Belém: Secretaria de Estado da Cultura do Pará, 2007.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2002a.

_____. *Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos (1869-1973)*. Belém: Paka-Tatu, 2002b.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Fabricio Herbeth Teixeira da. *Cotidiano e alimentação sob olhares impertinentes: Alfred Russel Wallace e suas impressões sobre Belém em 1848*. 2008. Texto apresentado no I Encontro de Estudantes de História da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC), na cidade de Ananindeua (PA), entre os dias 14 e 15 de setembro de 2008.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Rio Amazonas e Negro*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1979.

WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1993.

* Fabricio Herbeth Teixeira da Silva é graduado em História pela Escola Superior Madre Celeste (ESMAC) com a Monografia *Escassez e carestia: a política de abastecimento de alimentos em Belém nos anos 1880-1890* (2008). Atualmente é bolsista da CAPES II cursando o Mestrado em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com o trabalho *Dize-me o que comes e te direi quem és: excentricidade e limites sociais a partir do gosto alimentar na Belém do Grão-Pará (1889-1915)*. Integrante do Grupo de pesquisa Cultura e Sociabilidade da Amazônia, do grupo de pesquisa História da Alimentação: Questão e Debates da UFPR e um dos organizadores e consultor da revista de produção discente REPRODI. Dedico esse artigo à minha Família do Norte, em especial a Heloiza Silva, minha mãe, grande amor da minha vida, e porto seguro; Raimunda e Jorge Nunes, avós e razão da minha vida e ao meu irmão Raimundo que acredita nos meus sonhos. Estendo esse agradecimento a minha nova família de São Paulo, José Barbosa e Dona Agda, amor e carinho que me sustentam aqui. Por fim aos meus amigos do curso, em especial a

www.pucsp.br/revistacordis

Elizeu, por todo apoio, amizade e sugestão para publicação, a Izabel, Rafael, Marcelo, Paulo, Fábio e Cícero pela companhia e vivência acadêmica. A minha orientadora Estêfania Fraga pela leitura atenta e sugestões que evitaram inúmeros erros. E-mail: <fabrizioherberth@hotmail.com>.

Recebido em novembro de 2009; aprovado em junho de 2010.